

O QUE FOI AQUILO, “COMPAÑERO” PÁDUA?

José Antônio de Ávila Sacramento

Em 1943 passou por São João del-Rei a Cia. Teatral Cazarré. Segundo nos consta, a companhia passava por sérias dificuldades financeiras e a bilheteria “ia de mal a pior”, resultado da desorganização administrativa nela existente. Estes fatos aqui relatados estão bem descritos no livro “Na Rolanço do Tempo” (Edit. Civilização Brasileira. Rio, 1976, páginas 268-270) e foram também registrados em ata do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, datada de 01 de abril de 1979.

Segundo o falecido Lauro Novaes, a desorganização da Cia. Cazarré era muito grande, parecia uma “troupe” organizada às pressas, não possuindo nem mesmo um secretário. Novaes enumerou várias outras razões para o insucesso daquela companhia: eles nem bem aqui chegaram e já tiveram que recorrer a um ator amador local (que foi ele próprio), para suprir a falta. De outra vez, quando precisaram de apresentar a peça ‘Deus Ihe Pague’, de Juracy Camargo, não possuíam no elenco uma atriz à altura de interpretar ‘Nancy, esposa do mendigo’, papel chave para a peça; então recorreram a uma outra atriz amadora local, a qual, com apenas dois ou três ensaios, deu tão cabal desempenho do papel que na última hora lhe fora confiado, que convidaram-na para fazer parte da Companhia Cazarré, não sendo possível a aceitação porque ela já estava com o casamento marcado. Lauro termina afirmando que “apesar do total fracasso na organização dos espetáculos, houve alguma renda pela assistência dos espetáculos, mas mesmo assim, para deixar a cidade, a Cia. Teatral foi gentilmente socorrida financeiramente pelo dr. Antônio Viegas.”

Aqui, na terra de Otto Lara Resende, os atores foram bem tratados pelo então prefeito dr. Antônio Viegas, o qual, certa vez, cordialmente, após um espetáculo, objetivando levantar o ânimo do grupo, convidou e levou os atores para um jantar na casa do seu irmão, o dr. José das Chagas Viegas, inventor do famoso tinteiro econômico. Após o jantar, dr. José Viegas falou com entusiasmo das suas invenções, apresentando-lhes o famoso “Tinteiro Econômico”; presenteou a cada um dos atores com cerca de meia dúzia da invenção e explicou-lhes que o artefato era muito importante, à prova de tombo, e que não sujava os dedos, nem a roupa dos alunos e nem as carteiras. Ainda assim eles fizeram pouco caso da invenção: após sair da casa do velho Viegas, um dos atores sugeriu que aquela recordação fosse jogada no Córrego do Lenheiro;

“atiramos o ‘ricuerdo’ no riozinho que passa pela cidade. Talvez envenenássemos a população e, então, seria a glória! Para provar a genialidade do ‘Edison são-joanense’, também foi chutado um dos tinteiros até a porta do hotel, não se vendo sequer respingo de tinta na calçada”. O tal invento, segundo eles, “não tinha o menor valor”.

O escriba de “Na Rolança do Tempo” ainda chegou a afirmar que, pelo sim e pelo não, nunca mais iria passar em São João del-Rei, cidade na qual o maior orgulho do prefeito era um Cristo que ele colocou no alto de um murrinho, desejoso de imitar o do Rio, referindo-se ironicamente ao nosso Monumento do Cristo Redentor. Afirmou que “o que os consolava aqui era apenas a contemplação do que ainda restava do colonial português, os frades de pedra, os nichos nas paredes das ruas e os exemplares do jornal ‘L’ami du peuple’, o explosivo jornal de Marat, existente na Biblioteca Municipal.”

Esses lamentáveis episódios, acrescidos de deselegantes e irresponsáveis conceitos menosprezando a nossa cidade e figuras do seu passado, ferem a nossa alma hospitaleira e foram emitidos por um tal de “Compañero Pádua”, codinome de militante do PCB que era usado pelo sr. Mário de Pádua Jovita Correia do Lago, autor do livro supra citado. “Compañero Pádua” era o ingrato ator global Mário Lago, já falecido, o qual, naquela época, esteve em São João del-Rei, onde fora muito bem recebido como integrante da Cia. Teatral Cazarré-Modesto de Souza.